PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA:

CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: **José Reis**
Um trabalho coletivo do CES

ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1 2 9 0
UNIVERSIDADE D COIMBRA

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Universidade de Coimbra – Alta e Sofia inscrita na Lista do Património Mundial em 2013

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA:

CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1 2 9 0
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

UNESCO
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Universidade de Coimbra – Alta e Sofia
inscrita na Lista do Património Mundial em 2013

COMPETE 2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMPETITIVIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador
José Reis

Editor
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Cientifica
Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística
Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação
André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN
978-989-8847-25-6

CAPITALISMO

José Castro Caldas

Nenhum autor é tão preciso como Karl Polanyi na datação da origem do capitalismo moderno – 1834, a data em que o Parlamento do Reino Unido aprovou a Emenda à Lei dos Pobres. Para Polanyi este momento assinala a instituição do mercado de trabalho 'livre' de que o capitalismo na sua forma industrialista tanto carecia. Com efeito esse ato legislativo pôs termo ao antigo regime de mitigação da pobreza substituindo-o por um outro, de estrita condicionalidade, que sujeitava os requerentes de apoio a internamento em casas de trabalho intensionalmente degradadas e degradantes tanto quanto o necessário para os obrigar a procurar e aceitar 'livremente' trabalhar fora delas por um qualquer salário.

Sem ignorar as origens remotas do capitalismo no bojo das sociedades feudais, Polanyi põe em evidência, com a sua datação, a juventude do capitalismo no tempo longo da história e uma das suas principais características relativamente a outros modos de produção – a predominância do trabalho assalariado sobre todas os outros tipos de relação social na produção.

O capitalismo começou por ser reconhecido como problema pelos que mais diretamente sofreram a desapropriação da terra e dos instrumentos de trabalho e foram lançados à indústria nascente sem outra coisa de seu senão a capacidade de trabalho. À beira do colapso muitas vezes em consequência de crises cíclicas e revoluções, o capitalismo a tudo resistiria até à Grande Depressão iniciada em 1929 e nunca resolvida até ao final da Segunda Guerra Mundial. Na maioria dos países da Europa, depois da guerra, o capitalismo conheceu uma "idade de ouro" – que viria a revelar-se efémera –, de relativa estabilidade, crescimento em paralelo de lucros e salários, níveis elevados de emprego e de coabitação com a democracia política.

Emerso em nova crise global a partir do início da década de 1970, da qual haveria de sair no final da década de 1980 como sistema sem alternativa à escala global, o modo capitalista de organização da sociedade volta nos nossos dias a constituir-se como problema aos olhos de uma ampla maioria social com escassa expressão política em torno de três insustentabilidades: social (pelo agravamento das desigualdades no interior dos países e o empobrecimento persistente das classes populares), ambiental (pelo crescente conflito entre os imperativos de acumulação e requisitos da vida no planeta) e política (pela cada vez mais clara dificuldade de convívio com a liberdade e a democracia).

A alternativa ao capitalismo foi imaginada ou desejada pelos mais politizados dos que primeiro o sofreram como problema na forma de uma sociedade que produzisse para si e não para uma classe ou casta privilegiada. A um tal desejo quase todos chamaram socialismo. Nas suas declinações revolucionárias e reformistas o desejo de socialismo assumiu formas e matizes muito diversos. Para quase todos seria uma sociedade de produtores associados. Mas sempre houve quem não fosse tão longe. Para Polanyi, com quem abrimos este texto, o socialismo mais não era do que democracia – a subordinação consciente do mercado à política democrática. Nessas duas formas – como associação de produtores livres ou como capitalismo domesticado – ainda hoje encontramos, com esse ou outro nome, o desejo de socialismo.